



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE

**REVITALIZAÇÃO DO AMBIENTE EDUCATIVO: UMA PROPOSTA
NA PEDAGOGIA DO ENGAJAMENTO.**

Hugo Nicolau Vieira de Freitas

Brasília, outubro de 2012.



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE

**REVITALIZAÇÃO DO AMBIENTE EDUCATIVO: UMA PROPOSTA
NA PEDAGOGIA DO ENGAJAMENTO.**

Hugo Nicolau Vieira de Freitas

Brasília, outubro de 2012.

Hugo Nicolau Vieira de Freitas

Revitalização do ambiente educativo: Uma proposta na pedagogia do engajamento.

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília – UnB, sob a orientação da Professora Dra Sônia Marise Salles Carvalho.

Comissão examinadora:

Professora Dra. Sônia Marise Salles de Carvalho. (orientadora).
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília – UnB.

Professora Dra. Teresa Cristina Siqueira Cerqueira
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília – UnB.

Professora Msc. Claudia Valéria de Assis Dansa
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília – UnB.

DEDICATÓRIA

À princesa Nicole que veio revitalizar nossa família.

“A humanidade é desumana, mas ainda temos chance”.

Renato Russo.

AGRADECIMENTOS

A todos os que acreditam no poder transformador da educação.

A meu pai Francisco e minha mãe Mariza por terem dado toda a ajuda possível e impossível.

A Maria e Jorge, que se tornaram pais cubanos que tanto nos mostraram valores mais que humanos.

A professora Sônia Marise por toda a atenção e carinho e por ter acreditado que daríamos conta de reestruturar a ONG mesmo após termos colocado tudo abaixo.

A Antonia Beatriz por acreditar nas minhas loucuras e ir junto comigo.

E a todos os meus alunos, que me iluminam sempre e a minha vida.

APRESENTAÇÃO

O presente trabalho aborda as atividades realizadas no âmbito do Projeto Ideia Minha que propõe a revitalização do ambiente educativo escolar e não escolar.

Está dividido em três partes.

Na primeira parte consta minha memória educativa onde se pode ver a trajetória de minha vida escolar, desde os primeiros anos de vida até a realização deste trabalho.

A segunda parte está dividida em três capítulos.

No primeiro verificamos o aporte teórico que amparou o desenvolvimento do Projeto Ideia Minha, apontando conceitos da Economia Solidária e da Pedagogia do Engajamento e um diálogo entre estes e os aspectos sócio-interacionistas das teorias de Piaget e Vygotsky.

Já no segundo capítulo, relatamos as experiências vividas em diferentes espaços educativos, escolares e não escolares onde o projeto Ideia Minha se desenvolveu e de que forma este pode atuar na emancipação do ser humano.

No terceiro apontamos o projeto Ideia Minha como possibilidade viável a quem pretende colocar em prática a pedagogia do engajamento como nova perspectiva educacional.

Na terceira parte do trabalho demonstro minhas aspirações no que diz respeito a minha perspectiva profissional.

FREITAS, Hugo Nicolau Vieira de. Revitalização do ambiente educativo: a contra racionalidade por meio da pedagogia do engajamento. Brasília, DF, Universidade de Brasília – UnB, Faculdade de Educação – FE. Trabalho de Conclusão de Curso, 2012.

RESUMO

Este trabalho propõe a reflexão das atividades pedagógicas desenvolvidas no âmbito do Projeto Ideia Minha, que trata da revitalização dos espaços educativos públicos escolares e não escolares, na condição de uma estrutura física deficitária. A proposta do projeto era a valorização do ambiente educativo pelos estudantes, professores, agentes sociais e todos os profissionais da educação, assim como a inserção da comunidade na vida escolar e ainda a efetivação da relação entre comunidade e o ambiente educativo. Embasado teoricamente, fundamenta-se nas propostas da economia solidária e na pedagogia do engajamento como forma de tentativa de reumanização e emancipação do homem frente ao sistema capitalista.

Palavras-chave: Revitalização do ambiente educativo. Economia solidária. Pedagogia do engajamento.

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA	3
AGRADECIMENTOS	5
APRESENTAÇÃO.....	6
RESUMO	7
PRIMEIRA PARTE	10
MINHA MEMÓRIA EDUCATIVA.....	11
SEGUNDA PARTE	19
INTRODUÇÃO.....	20
Capítulo 1 – A pedagogia do engajamento na revitalização de espaços educativos.	22
Capítulo 2 – Revitalização e Projeto Ideia Minha.....	33
2.1– Estágio no Centro de Ensino Fundamental 1 do Planalto.	35
2.2 – Centro de Ensino fundamental 16 de Taguatinga – Rápida e significativa mudança.	43
2.3 – Projeto Ideia Minha no espaço educativo não escolar. ONG – Associação Atlética de Santa Maria.	50
Capítulo 3 – Projeto Ideia Minha – Uma possibilidade viável.....	62
TERCEIRA PARTE.....	65

CONSIDERAÇÕES FINAIS	66
PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS	68
REFERÊNCIAS	69
ANEXOS	71

PRIMEIRA PARTE

MINHA MEMÓRIA EDUCATIVA

Meu nome é Hugo Nicolau Viera de Freitas, adoro música e artes em geral.

Sou formado em Artes Cênicas pela Universidade de Brasília onde atualmente estou prestes a me formar em Pedagogia.

Minha trajetória acadêmica teve início numa cidade do interior de Goiás, em Alto Paraíso, embora toda minha família seja de Santos, São Paulo.

Sou filho de pais jornalistas que por propósito de vida resolveram abandonar uma bem sucedida carreira jornalística para dedicarem-se à educação. Em Alto paraíso foram professores e diretores de escolas públicas onde desenvolveram projetos que até hoje fazem parte da memória de pais e alunos da época.

Eu, felizmente, tive como início de escolarização uma escola sem igual, de qualidade inigualável onde ocorria por completo o respeito ao ensino aprendizagem.

Em parte, tive minha escolarização em Santos, visto que morávamos nas duas cidades por algum período.

Pré-escola: Tive minha pré-alfabetização em Santos, num jardim de infância chamado Alcides Lobo Viana. De lá, lembro-me do uniforme azul com branco, do tênis konga que o acompanhava e uma bolsa do mesmo azul do uniforme feita por minha avó. Dentre muitas recordações que tenho, lembro-me que a escola tinha as salas coloridas e que nós, crianças, tínhamos orgulho de dizer: - Eu estudo na sala amarela!

Lembro-me do parquinho da escola com suas gangorras, trepa-trepa, escorregadores e até um gira-gira. Lembro-me que ficava doido para chegar a hora da aula de artes onde fazíamos um universo com massinhas de modelar.

Lembro-me ainda que, na escola havia uma professora de educação física muito querida e lembro que todas as crianças falavam do nariz que ela tinha (era tão fino que achávamos que não tinha seus buracos). Lá, lembro-me de ter aprendido que existem as estações do ano, que se misturarmos cores podemos encontrar novas cores.

Muitas coisas eram vivenciadas no jardim da escola. Lá a vida acontecia. Essa escola era referência, como muita coisa na cidade de Santos. Tínhamos até dentista. Com o término do ano, fui para Alto Paraíso.

Alfabetização: Em Alto Paraíso, na Escola Estadual Moisés Nunes Bandeira, é que fui de fato alfabetizado por uma professora chamada Lavínea.

Como já disse, meus pais são jornalistas, o que de fato me fez desde sempre estar em contato com o mundo letrado, e na escola pública dirigida por eles é que comecei a aprender a registrar o mundo do pensamento.

Essa escola foi uma das coisas mais encantadoras que já tive oportunidade de viver. Lá tínhamos um mundo para colocar em prática e um mundo inteiro a descobrir. Tínhamos uma comunidade que começou a entender o valor da escola e que passou a comprometer-se com ela. As conquistas eram de todos. A escola era de todos e nunca ficava limitada ao seu espaço físico. A comunidade era carente, mas a merenda escolar era servida o ano todo, inclusive nas férias e hoje percebo claramente o objetivo disso. As necessidades da comunidade não entravam de férias. Essa escola promovia inúmeros acontecimentos culturais onde talentos foram revelados. Um aluno carente foi estudar dança na França.

Entre esses acontecimentos, lembro-me de um evento cultural que se chamava “Musicar”, uma referência ao falado da própria comunidade que por ser interiorana assim pronuncia a palavra Musical.

Os alunos tinham tempo para ensaiarem suas apresentações onde a cultura local ficava em evidência, podíamos ver desde catira a uma canção popular conhecida interpretada pelos próprios alunos, juntos ou sozinhos.

O teatro também tinha presença constante e por meio dele professores chamavam a atenção, por exemplo, para questões ambientais, sempre da forma mais descontraída possível.

Tínhamos aula de artesanato que sempre era exposto em feiras realizadas na escola.

As festas que lá aconteciam eram os principais acontecimentos da cidade e contava com a participação e mobilização de todos.

Na parte esportiva, tínhamos um campeonato chamado FUFUA, onde todos participavam. A reforma da escola, desde a quadra esportiva a cozinha tinha a participação de todos.

As aulas eram bastante divertidas e completamente fora do “padrão tradicional”.

Lembro-me claramente da cartilha desenhada a mão por minha mãe, uma das alfabetizadoras da escola. Não preciso nem fechar os olhos para lembrar do desenho da lição do ovo, do índio dentre tantas outras.

Recordo-me como se tivesse sido ontem, as aulas que tínhamos debaixo de duas imensas árvores no pátio da escola, desfrutando delas suas enormes sombras.

Recordo-me da Biblioteca da escola que tinha o nome de uma poetisa de importância ilimitada para o estado de Goiás e para o Brasil, Cora Coralina.

Lembro-me do primeiro livro que consegui ler por conta própria, que contava a história do tempo e também de um da Joaninha. As aulas eram tão proveitosas que chegavam a ter momentos muitas vezes poéticos como, por exemplo, num dia que debaixo das árvores numa aula de ciências, a professora pegou uma semente que caíra de uma das árvores e pediu que observássemos a árvore e a semente e nos levou a ver que toda a grande magia da criação está numa simples semente.

Saindo dessa escola, no meio da segunda série, fomos morar novamente em Santos, onde fui estudar numa escola pública chamada Brás Cubas. Lá com a professora chamada Ivanir tive também uma boa experiência, mas bastante diferente da vivida em Alto Paraíso.

A escola tinha boa estrutura, mas era bem parecida com as chamadas “escolas tradicionais”.

Tínhamos um muro bastante alto que cerca toda a escola, um pátio coberto, um pátio descoberto e uma quadra de esporte descoberta. Lá tínhamos a hora cívica com o hasteamento da bandeira na segunda-feira e seu recolhimento na sexta-feira.

A escola dispunha de um programa que trocavam o chamado “lixo limpo”, que eram matérias recicláveis, por materiais escolares, como borracha, caderno, apontadores etc. Tudo feito com o material reciclado, que era recolhido pela prefeitura.

A escola fornecia excelentes refeições. Tínhamos comida no refeitório que era como um almoço e na hora de ir para sala de aula ganhávamos iogurte ou alguma fruta como maçã e banana. Alguns dias a escola fornecia uma bandeja de ovos ou uma penca de bananas para que as crianças interessadas pudessem levar para casa.

A sala de aula era bem tradicional e as aulas, quase todas, resumiam-se a ela. A aula de educação para o trânsito acontecia numa minicidade montada num dos pátios da escola.

A professora era muito legal.

Geralmente as tarefas de casa eram feitas num orquidário que ficava próximo da minha casa ou em alguma praça frente a praia.

Em Santos estudei até a terceira série.

No ano em que fui cursar a minha quarta série, mudamos para Goiás novamente, mas dessa vez para o entorno de Brasília, Formosa.

Lá estudei da quarta série até o término do segundo grau. Pela primeira vez, fui estudar em uma escola particular. Chama-se Colégio Visão.

A escola não tinha nenhum atrativo. Era uma escola pequena e a primeira coisa que notei é que tanto o conteúdo que estava estudando na quarta série havia estudado na terceira quanto o despreparo dos professores que muitas vezes ignoravam o fato de eu já saber o conteúdo estudado.

Nessa escola fiquei apenas dois meses e acabei sendo transferido para um outro colégio particular, chamado Planalto.

Essa escola tinha sua estrutura bem próxima do Brás Cubas. As aulas eram sempre em sala de aula e nunca tínhamos vivência de nada. Uma das poucas coisas interessantes que a professora propunha era a leitura de um livro sempre no final da aula.

Líamos algumas páginas por dia para toda a turma.

As aulas de artes geralmente eram de “desenho livre”.

Fiquei nessa escola até a metade do ano e fui transferido para uma escola pública a meu pedido, visto que não gostava nada da escola que estudava.

Fui para uma escola municipal gerenciada por maçons, e lá com a professora Marta terminei minha quarta série. Nessa escola sofri discriminações da diretora porque vivia colado a um amigo. Ela insinuou que isso poderia ser algo mais que uma simples amizade.

A professora Marta, no entanto, era uma excelente profissional e contornou a situação da melhor forma possível.

A escola não tinha nenhum recurso e nunca propunha nada de diferente aos alunos. Não tínhamos comemorações de datas especiais e em sala, as atividades que mais fugiam do padrão eram alguns cartazes que confeccionávamos.

Já na quinta série, tive o ano escolar mais conturbado de toda minha vida. Os alunos da escola maçônica eram transferidos para uma escola da 5ª a 8ª série chamada José Décio.

Lá no primeiro dia de aula fui recebido por uma pessoa a qual jamais chamarei de professora, que em sala de aula, se apresentou e disse: - vou escolher dois alunos, um menino e uma menina a quem vou prestar atenção absoluta ao longo do ano.

Uma semana depois descobri que essa atenção era na verdade uma marcação serrada e uma perseguição implacável.

Todos os dias minha mãe era chamada por ela na escola e apresentava problemas aos quais eu não estava passando. Acusava-me de não respeitá-la em sala e de muitas outras coisas que não condiziam com meu comportamento. Não queria mais ir para a escola e fui então para outro colégio estadual onde minha mãe lecionava, chamado Hugo Lobo.

Lá sofria retaliações constantes dos colegas de classe que afirmavam o tempo todo que minha mãe iria me passar não só as respostas da prova dela como as das outras professoras. Nessa escola fiquei um tempo curtíssimo visto que não tinha maturidade para suportar essa pressão. Fiquei em casa sem ir para a escola durante quase um mês.

Para que não perdesse o ano, pedi para ir para uma escola particular novamente.

Fui então estudar numa escola dirigida por freiras, chamada São José.

Lá a escola era bem legal. Tínhamos aulas de educação física antes do horário das aulas “normais” e um horário específico para as aulas de artes. Tive pela primeira vez aula de artes com uma profissional formada na área. Com ela estudamos muita coisa da história da arte. A história era contada durante a aula prática, onde fazíamos diversos trabalhos manuais como, por exemplo, maquetes bem elaboradas que eram colocadas em feiras de arte e artesanato promovidas pela escola.

A escola tinha uma capela que ficava aberta durante todo o período letivo. Os pátios eram grandes e as aulas eram divertidas. As professoras eram bastante tradicionais.

Na minha sexta série, fui para uma escola pública, Sérgio Fayad Generoso, que acabara de ser inaugurada. Lá fiquei até terminar o segundo grau. Tive péssimos professores, principalmente de matemática e de língua portuguesa. Tive excelentes professores, como a professora Noemi, de história e os professores Mauro César e Juscelino, ambos de química. Embora a escola não tivesse grandes recursos, os alunos se mobilizavam para fazer a festa junina da escola. Lutamos para que a comunidade carente não fosse obrigada a pagar taxa de matrícula nem fosse obrigada a utilizar calça de uniforme.

Graduação: Minha primeira graduação como já disse foi em artes cênicas pela UnB. O gosto pela arte vem comigo desde pequenininho. Sempre gostei muito de cinema, música (almoçávamos sempre ouvindo grandes nomes da nossa música), artes plásticas etc.

Durante um determinado tempo dizia que não queria ser professor, mas sempre que tinha que apresentar algum seminário na escola, era elogiado pelos professores e pelos colegas de classe. Sempre que ia ter alguma conversa com algum colega, esses falavam que gostavam da minha forma de ver o mundo e assim, fui me apercebendo que tenho em mim alguma coisa que costumo ver nas pessoas que considero bons professores.

Acredito que gosto de pensar junto com as pessoas e acima de tudo ouvir o que elas têm a dizer. Essas observações me levaram a escolher estudar o teatro, e juntar a isso a possibilidade de ser também um professor. Hoje sou um Arte-educador.

O fascínio pela arte foi, durante a graduação, bastante saciado. Mas sentia dentro de mim que estudar educação ainda tinha que acontecer. Foi então que resolvi fazer minha segunda graduação e é onde, todos os dias, me sinto realizado. A universidade é sem dúvida um lugar de possibilidades e nos abre diversos horizontes. Gosto muito de observar essa grande magia que há no processo ensino aprendizagem. Adoro ver o quanto aprendo com esse processo.

Quero continuar nesse caminho porque vejo que ainda mora em mim, uma das primeiras lições que aprendi, a da semente. Quero ter a possibilidade de ver sempre como se expressa em mim a grande magia da criação. Eu enquanto semente.

No curso de Pedagogia pude observar a diversidade de caminhos a seguir dentro da infinidade de áreas do conhecimento pedagógico.

Em muitas das disciplinas cursadas, sentia vontade de me aprofundar, de saber mais. Achava que era aquilo que queria. Acreditava que era aquela área que deveria seguir.

Conforme segui com o curso percebi que muitos dos assuntos relacionavam-se e que davam suporte uns aos outros. Dessa maneira fui levado a escolher um assunto que me pareceu, a princípio, bastante desafiador. A economia solidária.

Quando fiz a disciplina Educação e Trabalho com a professora Élvia Leite fiquei surpreso com a quantidade de informações que estão relacionadas com o tema trabalho.

Dentro dessa disciplina pude perceber um pouco do que chamamos de racionalidade – forma como as coisas são determinadas e organizadas dentro do sistema capitalista – e como a contra racionalidade poderia vir a nos proporcionar novos caminhos e novas vozes frente a este sistema.

Uma forma de contra racionalidade dentro do sistema capitalista, seria então a economia solidária, que tem como proposta pensar a economia sob a ótica da valorização do ser humano e não do capital.

Concluída a disciplina de Educação e Trabalho, fique sabendo, por intermédio de meu irmão, na época também estudante de pedagogia, sobre a disciplina de projeto 3 – estágios de observação e regência – onde o tema a ser explorado era o da economia solidária.

Procurei então a professora Sônia Marise com o intuito de conhecer um pouco mais sobre o assunto.

Assim que iniciei a disciplina percebi que era exatamente o que procurava e que o que estávamos estudando se relacionava bastante com o que acredito ser uma boa forma de conduzir uma sala de aula.

Num primeiro instante fomos divididos em grupos para darmos continuidade a trabalhos em incubadoras¹ que já haviam se iniciado em semestres anteriores.

Comuniquei a professora sobre a intenção de realizar meus estágios de observação e regência numa escola de educação infantil da Vila Planalto. A proposta foi bem recebida por ela e a cada encontro nas aulas, relatava todas as observações, o que fez com que a professora formasse um novo grupo de pesquisa e ação na escola da Vila Planalto.

Inicialmente havia apenas três alunos no grupo e mais tarde somente dois deram continuidade ao trabalho.

Observamos que a escola não estava preparada para receber crianças de educação infantil e que a estrutura da sala de aula não tinha nada de atrativo e que não demonstrava ser um ambiente acolhedor ideal para os pequenos.

Começamos a realizar pequenos trabalhos com os alunos, junto com o que a professora regente havia planejado. Surgiram aí então várias ideias em relação a explorar o ambiente físico da escola e de relacioná-lo com a proposta da economia solidária.

Conforme desenvolvia o trabalho, pude perceber que minha formação em artes foi de fundamental importância para a realização do mesmo.

¹ Incubadoras são projetos que têm como objetivo a criação ou o desenvolvimento de pequenas empresas ou microempresas, apoiando-as nas primeiras etapas de sua vidas.

Posteriormente, o trabalho se transformou em um projeto, chamado Ideia Minha, desenvolvido nas duas fases do projeto 4. Durante a realização das fases do projeto 4 é que tive acesso a conceitos e correntes de pensamentos, como os da economia solidaria, sem o qual não poderia ter idealizado e colocado em prática as ações que me trouxeram até aqui.

A disciplina de projeto 4 é de fundamental relevância para os trabalhos que serão desenvolvidos no início de nossa carreira como docentes. Nessa disciplina temos a possibilidade de entrar em contato direto com a área educacional com a qual temos mais afinidade e aprofundarmos um pouco mais sobre o assunto escolhido. A vivência proporcionada nessa etapa do curso é um real diferencial para que o aluno tenha a possibilidade de contrastar o conhecimento adquirido na academia, testá-lo na prática e levar tal conhecimento a comunidade. É a efetivação do que propõe tripé organizacional da Universidade de Brasília, ensino, pesquisa e extensão.

Atualmente o referido projeto, que já foi apresentado em dois congressos de educação no exterior, sendo um em Havana, Cuba e o segundo na Cidade do México, México, está em desenvolvimento em uma ONG, Associação Atlética de Santa Maria, também na Escola Parque 313/314 Sul, onde leciono e por meio do sítio virtual www.ideiaminha.net e tem me enchido de orgulho no que diz respeito a minha realização profissional.

SEGUNDA PARTE

INTRODUÇÃO

Durante estágio realizado em uma das escolas públicas de Brasília, Centro de Ensino Fundamental 1 do Planalto, que atende em sua maioria, crianças oriundas de famílias de baixa renda, verificou-se que a realidade física da escola não é nada parecida com o que se deseja para a realização do processo ensino-aprendizagem. Móveis inapropriados, ou mesmo deteriorados, parquinho em péssimo estado de conservação, entre outros problemas, eram evidentes e criavam diversas dificuldades para que os professores desenvolvessem suas propostas pedagógicas. Em alguns casos, a má conservação do mobiliário e do parquinho colocava em risco as crianças durante o período de aula.

Segundo FREIRE (1998),

“O espaço é retrato da relação pedagógica. Nele é que o nosso conviver vai sendo registrado, marcando nossas descobertas, nosso crescimento, nossas dúvidas. O espaço é retrato da relação pedagógica porque registra, concretamente, através de sua arrumação (dos móveis...) e organização (dos materiais...) a nossa maneira de viver esta relação.”

Visto a importância da relação pedagógica apontada pela referida autora e sabendo da realidade financeira da escola, que não dispunha de verba, desenvolveu-se o Projeto Ideia Minha que propõe a realização de ideias simples, sem ou de baixo custo, na restauração de móveis, paredes e outros do ambiente escolar e sua difusão por meio de um sítio virtual de banco de ideias – www.ideiaminha.net.

O desenvolvimento do Projeto Ideia Minha foi fator principal para suscitar a motivação desse objeto de estudo.

Dessa maneira, a investigação teve início a partir da constatação de que o sistema educacional brasileiro passa por diversas situações que podem ser consideradas problemáticas, refletindo na estrutura física deficitária das escolas e sendo um dos fatores que dificulta o processo ensino e aprendizagem.

Quando pensamos na relação entre ensinar e aprender, devemos ter claro em nossas mentes, que esta relação está diretamente ligada ao ambiente que a sistematiza: a escola. Libâneo (2000) faz uma distinção clara entre educação, instrução e ensino. Segundo ele, a educação possui um conceito amplo, voltado às relações interpessoais, de modo a formar o caráter social, sendo então, uma instituição social. Já a instrução, tem caráter formador e de desenvolvimento das capacidades cognitivas, sendo para isso, necessário o domínio de certos conhecimentos. Já o ensino são as ações e condições para que ocorra a instrução.

A escola pode ser um espaço educativo de educação e/ou instrução e/ou ensino, sendo o ambiente que nossa sociedade utiliza para a sistematização, transmissão e desenvolvimento do conhecimento, tem geralmente uma estrutura que a compõe e que dá suporte à suas atividades. Nesse sentido, temos fatores de fundamental importância para o desenrolar das atividades de ensino.

A escola é geralmente constituída dos seguintes elementos: Instalações físicas, equipamentos, recursos humanos, recursos pedagógicos, currículo e gerenciamento.

Sabemos da importância de cada um desses componentes escolares e também como são indissociáveis. No entanto, este trabalho segue observando a importância das instalações físicas de forma a verificar como elas influenciam diretamente e indiretamente no processo de ensino-aprendizagem.

O desenvolvimento do projeto busca a valorização do ambiente educativo escolar e não escolar, da relação entre este e os indivíduos da sociedade, como ferramenta de contrarracionalidade, para que esta se torne um ambiente propício ao desenvolvimento do ensino aprendizagem e que por meio dessa relação possibilite a reumanização do homem, proposta que é fundamentada tanto na pedagogia do engajamento quanto na economia solidária.

Capítulo 1 – A pedagogia do engajamento na revitalização de espaços educativos.

Esse capítulo tem o propósito de refletir sobre a história do homem com seu meio educativo, na sua perspectiva de uma pedagogia do engajamento para a sua emancipação em um processo educativo democrático.

Muitas são as controvérsias e peças que não se encaixam quando estudamos a origem do homem. Desde a data de seu real aparecimento, que está em torno de um milhão e 600.000 anos A.C., até o local exato de seu surgimento. No entanto há uma afirmação sobre a humanidade que parece ser consenso no mundo científico, a de que o homem é e sempre foi um ser social.

Diversas pesquisas apontam para o fato de que a humanidade se desenvolveu na medida em que seu sistema social se constituiu e evoluiu e vem evoluindo na medida em que esta sua cultura fixou-se e transformou-se.

Tal transformação vem ocorrendo de forma assistemática em diferentes níveis nas diversas regiões onde o homem se desenvolveu, e o fato de em todas as regiões ocorrerem este fenômeno, nos faz verificar que a socialização e o desenvolvimento cultural do homem sempre dependeram da transmissão ao seu semelhante de tudo o que aprendeu, manipulou e interferiu na natureza para manter-se vivo.

Diferente de todos os animais existentes na natureza, o homem é capaz de reinventar-se superando e modificando tudo que está ao seu redor, modificando e aprimorando seu modo de vida, dentro de uma relação íntima que desenvolve com o lugar onde vive.

Isso pode ser observado ao lançarmos nosso olhar sobre as diferentes culturas existentes no mundo. Cada uma a sua maneira idiossincrática fixou-se, transformou-se e foi capaz de estabelecer certo domínio sobre a natureza à sua volta, manipulando-a e percebendo-se como parte dela.

Diferentes povos criaram sua própria maneira de habitar, por exemplo, movidos pela necessidade, dificuldades e materiais encontrados no local a ser habitado.

Os esquimós desenvolveram como forma de morada o que conhecemos como iglu,

construída completamente de gelo. Os indígenas brasileiros habitavam suas enormes ocas, sustentadas por resistentes vigas de madeira e forradas com palhas de coqueiro de forma que nenhuma gota de chuva molhe o interior de sua construção.

Foram condições físicas naturais que os levaram a fazerem suas casas de maneira particular, como também a forma de participação coletiva que os possibilitaram tal conquista.

No entanto, não foi da primeira vez que, em ambos os casos, as construções chegaram a ser como as conhecemos hoje. Muito foi aprimorado, tecnicamente falando, durante a construção de novas habitações, transferindo a técnica já desenvolvida aos novos construtores, que por sua vez deram novas ideias as mesmas, inovando e recriando a própria cultura.

Nessa perspectiva, observamos que é fator fundamental para o homem desde sua mais remota existência, o “reinventar” e o viver social.

Dessa forma podemos pensar na dinâmica cultural que busca prioritariamente a sobrevivência da espécie humana, na qual o aprendizado é socialmente compartilhado, como o primórdio básico do que hoje entendemos por educação. Ao passo que se observa que tudo o que é desenvolvido pelo ser humano em sociedade deve ser transmitido a seus semelhantes, percebe-se que ocorre, em via de regra, uma transformação do anteriormente desenvolvido e aprendido, levando-nos a evolução nos mais diversos sentidos, como o tecnológico e o cultural e nos faz conceber a educação como necessidade humana e entender que esta faz parte de sua trajetória.

Assim, podemos afirmar que o processo educacional é dialético, mesmo que em sua forma primitiva, quando ainda não havia grandes reflexões acerca de si mesmo. Isso ocorre então, pelo fato de que de um lado devemos promover a transmissão do que foi previamente aprendido, produzido e ou desenvolvido para que não haja a necessidade de sempre partirmos do mesmo ponto, o que em senso comum dizemos – reinventar a roda – e de outro, ficarmos estagnados, sem dar um passo sequer rumo ao processo evolutivo.

De acordo com MORAES (2008),

“Distantemente das térmitas, das abelhas e de outros animais, cuja vida societária é uma fatalidade biológica, o homem tudo teve que construir e tudo tem que aprender. Isto é: se separarmos larvas de abelhas da colméia-mãe, e lhes dermos condições normais de umidade e alimentação, quando essas larvas tornarem-se abelhas repetirão a exata organização social: serão abelhas operárias, guerreiras, rainhas, zangões etc., vivendo em sua milenar forma sociedade e produção da própria sobrevivência, uma vez que foram biologicamente especializadas para viver societariamente.

Atualmente temos acesso a diversas correntes de pensamentos pedagógicos e pautados no exposto até aqui, podemos observar o sócio-interacionismo², que tem como um de seus principais representantes, Vygotsky.

Podemos observar que para o referido autor, o desenvolvimento cognitivo se dá com ênfase no papel que o ambiente social exerce no desenvolvimento e na aprendizagem. Dessa forma a aprendizagem se dá entre a interação e colaboração ocorrida entre as crianças e entre elas e os adultos. A aprendizagem é dessa forma produto da ação dos adultos, que fazem uma moderação no processo de aprendizagem das crianças. Em outras palavras seus estudos demonstram a dialética das interações com o outro e com o meio, o que dá suporte ao desenvolvimento sociocognitivo.

Ainda no que diz respeito a corrente sócio-interacionista, temos a visão de Piaget. De acordo com seus estudos, é com a interação com o meio e com o outro, do indivíduo com os objetos da realidade é que ocorre a aprendizagem.

Dessa forma podemos observar que é no ambiente educativo, escolar ou não, que o desenvolvimento humano irá acontecer e que a escola é a instituição que pode levar a potencializar a aprendizagem e a interação do homem com o meio e com o outro.

² O SÓCIO-INTERACIONISMO surge da ênfase no social. Os estudos de Vygotsky sobre o aprendizado decorrem da compreensão do homem como um ser que se forma em contato com a sociedade. Segundo ele, “Na ausência do outro, o homem não se constrói”.

Porém, há outro fator que também deve ser observado no decorrer da história do desenvolvimento humano, o de que em muitos exemplos históricos podemos perceber a subordinação de homens em relação a outros de sua própria espécie.

Esse fato pode ocorrer pelos mais diversos aspectos, sendo desde as hierarquias religiosas e políticas, chegando até mesmo a fatores impositivos, de opressão, como no caso da escravidão.

No processo civilizatório do homem há sempre os que foram colocados à margem da sociedade, tendo negado sua real importância histórica, como peça crucial do desenvolvimento da humanidade e como verdadeiro construtor cidadão.

Em um de seus textos, Perguntas de um Operário Letrado, o teatrólogo alemão Bertold Brecht nos chama à reflexão trazendo-nos os seguintes versos:

“...O jovem Alexandre conquistou as Índias.
Sozinho? César venceu os gauleses. Nem sequer tinha um
cozinheiro ao seu serviço? Quando a sua armada se afundou
Filipe de Espanha chorou. E ninguém mais? Frederico II ganhou
a guerra dos sete anos. Quem mais a ganhou?...³”

Tais palavras nos fazem observar que existe uma crescente marginalização do próprio homem em seu desencadear evolutivo. Em cada época podemos observar um determinado nível dessa marginalização, mas que estão sempre pautadas em interesses de poucos e na negação e ou opressão do que chamamos de massa ou maioria.

Com o advindo do sistema capitalista como modo econômico que se fixou na maior parte dos países e que pode ser visto como modelo econômico mundial da atualidade, observa-se alarmante e crescente a marginalização do homem, não apenas no sentido de estar à margem econômica, mas sim no sentido de por meio desse sistema em vigor, fazê-lo crer e ver-se como peça que não se encaixa, ou mesmo como não merecedor de tudo o que

³ BRECHT, Bertold; disponível em: <http://www.luso-poemas.net/modules/news03/article.php?storyid=173>
Acessado em 10/06/2012.

socialmente a humanidade desenvolveu científica, tecnológica, artística e culturalmente falando.

Nesta perspectiva podemos observar que o processo que sempre acompanhou o homem desde seu mais remoto passado, vem se perdendo na medida em que o interesse coletivo para sobrevivência e desenvolvimento da própria espécie vem sendo substituído por interesses cada vez mais particulares, de enriquecimento, de formação de uma pequena classe rica, que verdadeiramente pode desfrutar do que de melhor está sendo desenvolvido pelo homem.

O sentido de coletividade vem sendo substituído pela luta diária para manter-se individualmente vivo, com uma pressão psicológica em busca de ter acesso ao que pudemos conquistar por meio do desenvolvimento humano.

É óbvia a forma como somos atingidos por propagandas apelativas quando ligamos a televisão ou simplesmente fazemos um passeio pelas ruas. Tais propagandas divulgam nossas conquistas humanas e em muitos casos, deixam claro que só “os melhores” poderão ter acesso a elas. Nessa forma de pensar, quem não possui, não é.

Nesse sentido a desigualdade entre os homens vem a cada dia mais ficando evidente, o que acaba por gerar muitos problemas sociais, como pobreza, criminalidade e até mesmo índices populacionais de escolaridade insatisfatórios.

Em relação ao trabalho, que como vimos promove a cidadania por ser fundamental ferramenta no processo societário, o que tem restado a grande maioria dos que ainda conseguem manter-se empregados, são empregos que permitem, na maioria das vezes, uma subsistência cruel, de alimentação da parte biológica, física, quase sempre deficiente, e que negam ao homem alimentar-se, entre outros aspectos humanos, social e culturalmente.

A dinâmica descrita até a presente linha em relação ao sistema capitalista é o que alguns autores atuais denominaram racionalidade do sistema.

Essa racionalidade é a tradução de toda forma de pensar no qual o sistema econômico atual está baseado, ainda que existam conflitos e paradoxos no que concerne à própria evolução humanitária.

Mesmo que o homem tenha conhecimento suficiente sobre aspectos que podem eliminar, por exemplo, a fome da humanidade, ele ainda investe mais dinheiro na promoção de guerras, tendo em vista a lucratividade deste “ramo comercial” do que na eliminação da fome e extrema miséria, ou mesmo como no caso das questões ambientais, tão presentes nos dias atuais, quando vemos nosso planeta sendo destruído por desmatamento, poluição etc., que tem causado o aquecimento global e o recorrente risco de extinção de espécies de animais e plantas, em detrimento do desenvolvimento do capitalismo lucrativo.

Até mesmo a forma como a disposição de nossos espaços urbanos é organizada é pautada na racionalidade capitalista. Basta observarmos que sempre há centros desenvolvidos rodeados por periferias, geralmente com pouca infraestrutura e que na maioria dos casos, abrigam os pouco abastados que são o trabalho “braçal” que mantém o sistema em funcionamento.

De acordo com CAVALCANTI (2000),

“A produção do espaço urbano capitalista tem sua lógica fundamentada na necessidade de aglomeração que tem o capital, mas também na necessidade de ocultar contradições sociais. Isso faz com que essa produção resulte em diferentes lugares, de diferentes classes e de diferentes grupos – lugares contraditórios”.

A racionalidade do sistema capitalista vem fazendo com que o homem não mais enxergue aos seus semelhantes como tal e a verdade que esta forma de organizar o mundo vem cada vez mais difundindo a de que devemos desempenhar ao máximo nossa individualidade a fim de tornarmos vitoriosos frente ao outro.

Podemos então enxergar a este processo como a desumanização do próprio homem.

É então na busca pela reumanização da espécie, pautado nos fatos relatamos anteriormente, de que o homem é um ser social desde sua mais remota ancestralidade e por meio da cultura ainda a mantém sua capacidade societária viva até hoje e, guiado através de correntes filosóficas, como a de cunho sociológico, que afirma a contrarracionalidade como ferramenta de luta dentro do sistema capitalista.

De acordo com SANTOS (1999)

“...essa situação se define pela sua incapacidade de subordinação completa as racionalidades dominantes, já que não dispõe dos meios para ter acesso a modernidade material contemporânea.”

A partir do pensamento Milton Santos, entendemos que a contrarracionalidade deve ser compreendida como toda e qualquer forma de questionar o sistema econômico mundial vigente, a fim de denunciar, criticar e evidenciar as formas como o referido sistema coloca em risco a própria raça humana.

Qualquer manifestação que ocorra em virtude de se criar possibilidade de valorizar o ser humano em relação ao que sofre estando imerso nesse sistema é chamado de contrarracionalidade. Uma greve que denuncie condições de trabalho precárias, um filme que faça recorte de problemas vividos em uma determinada realidade, que pode estar restrita a um pequeno lugar, e que o resto do mundo não tenha conhecimento, ou mesmo movimentos como os dos afrodescendentes e dos homossexuais em busca do reconhecimento de seus direitos podem nos servir aqui como exemplos.

Nas palavras de SANTOS (1999),

“Ante a racionalidade dominante, desejosa de tudo conquistar, pode-se, de um ponto de vista dos autores não beneficiados, falar de irracionalidade, isto é, de produção deliberada de situações não razoáveis (...). Essas contrarracionalidades se localizam, de um ponto de vista econômico, entre as atividades marginais, tradicional ou recentemente marginalizadas.”

As próprias ferramentas produzidas pelo homem moderno, como celulares com câmeras fotográficas e videográficas embutidas, que a cada dia vem sendo vendidos a preços mais acessíveis, tem dado a possibilidade de que a grande massa faça tais denúncias. Temos também a possibilidade de ferramentas de divulgação dessas denúncias, como o sítio virtual de postagem de vídeos www.youtube.com, que tem possibilitado que estas se espalhem rapidamente pela internet.

Um dos dispositivos da contrarracionalidade é o projeto proposto pela economia solidária definida como um conjunto de atividades econômicas geridas democraticamente em resposta aos problemas sociais, de forma que os interesses humanos prevaleçam sobre os interesses materiais e econômicos.

De acordo com DOMINGUES (2011), “a economia solidária é uma corrente de pensamento e de ação que visa recuperar o sentido social e ético da economia para enfrentar a desigualdade, a pobreza e a exclusão.” Trata-se de um enfoque baseado na supremacia do indivíduo e da sua capacidade de realização, de um indivíduo capaz de apoiar e ser apoiado por outros e de reconhecer restrições à sua liberdade perante os direitos dos demais. Nesse sentido, pretende incidir sobre as relações sociais consubstanciadas nos intercâmbios econômicos, garantindo que estejam de acordo com os direitos e obrigações de todos os envolvidos. A lógica da economia solidária é a procura da satisfação das necessidades e não apenas o acumular de lucros.

A economia solidária abrange, dentre outras coisas, elementos como sustentabilidade, meio ambiente, diversidade cultural e desenvolvimento local. Representa uma fonte de experiências que cruzam-se, enriquecem-se mutuamente e se fortalecem em redes de cooperação, criando uma alternativa forte e sustentável.

Nesse sentido é importante agregar ideias da economia solidária, que valoriza o ser humano e não o capital, que aborda o trabalho como meio de libertação humana frente ao sistema capitalista, que abrange aspectos de dimensão social, econômica, política, ecológica e cultural e que também busca a construção de uma sociedade justa e sustentável.

Muito semelhante em seus princípios e formas de superação como contrarracionalidade encontramos a chamada pedagogia do engajamento.

Tal pedagogia também está fundamentada na valorização dos aspectos humanos em

detrimento as do capital. De acordo com ela, o homem deve retomar a sua natureza coletiva a fim de resgatar suas potencialidades e fazer com que a grande massa se integre de fato a sociedade. Resgatar a importância que cada membro da sociedade tem para que esta se realize plenamente, ressuscitar os aspectos culturais, artísticos, de força de trabalho, com a finalidade de emancipar o próprio homem em sua coletividade e não em detrimento apenas de uma pequena parcela da mesma, ou seja, da classe burguesa é o que fundamenta essa nova proposta pedagógica do engajamento.

Nas palavras de MARTINS (2011),

“Para que o homem possa se reumanizar, necessita fundar suas ações em outro sistema de valor que não o de valor de troca, além de definir outros princípios, finalidade e métodos para a vida social. Em outras palavras, pode-se dizer que é necessária uma nova pedagogia para que o homem hodierno, desumanizado, possa se humanizar novamente”.

O resgate dos valores social, histórico e cultural do homem são evidenciados como luta dentro de um sistema econômico que vem, a cada dia mais, oprimindo-o e degradando-o. Torna-se dessa maneira fator fundamental no processo educacional atual e tem se mostrado como alicerce das novas correntes pedagógicas.

No que se refere à agregação de valores humanos e ao exercício da cidadania propostos pela economia solidária e pela pedagogia do engajamento, a importância da participação do educando no contexto do mundo educativo, escolar ou não, fica evidente, a partir do desenvolvimento da relação aluno-ambiente educativo e da observação da interferência do meio sobre a formação do sujeito. Noções de participação, cidadania e preservação, precisam ser exercitadas pelos estudantes no contexto escolar e por agentes comunitários nos locais de realização de atividades educativas em espaços não escolares a fim de se buscar a reumanização do homem proposta por essas duas correntes filosóficas.

Como vemos nas palavras de FREIRE (1980),

“Se, na verdade, não estou no mundo para simplesmente a ele me adaptar, mas para transformá-lo; se não é possível mudá-lo sem um certo sonho ou projeto de mundo, devo usar toda possibilidade que tenha para não apenas falar de minha utopia, mas participar de práticas com ela coerentes.”

Promover a inserção social por meio de ações de recuperação do espaço criado pelo próprio homem para que o mesmo se perpetue e se transforme pode vir a ser um modo reumanização do mesmo.

Isso remete aos estudos sócio-interacionistas de Vygotsky e Piaget, onde o processo de aprender promove o desenvolvimento humano em seus mais diversos aspectos e a construção do conhecimento ocorre a partir de um intenso processo de interação entre as pessoas e o meio onde vivem e atuam diariamente.

A interferência do ambiente físico no desenvolvimento cognitivo pode ser observada em diversas obras, demonstrando como este influencia a constituição do cidadão.

O escritor brasileiro, Aluísio Azevedo, por exemplo, em seu romance publicado em 1890, “O cortiço”, nos chama a atenção para o fato de como o ambiente é determinante na constituição do sujeito, baseando-se no determinismo, no qual o meio, o lugar e o momento influenciam o ser humano.

A degradação e a falta de manutenção de nossas escolas e ambientes educativos não escolares estão diretamente relacionadas com a falta do exercício da cidadania, e falta de compreensão das pessoas sobre sua responsabilidade social. A escola é um organismo vivo e como tal precisa de constante cuidado e manutenção. Ela deve saber da importância que a comunidade tem em mantê-la viva e produtiva, e também deve fazer com que a comunidade se aperceba disso. Como nos chama a atenção PISTRAK (1981), o homem só vai ser reconhecido na sociedade pelo trabalho. O sujeito deve ser ativo, atento e

comprometido com o presente.

Pautados na necessidade de reumanização do homem, refletindo sobre tudo o que estudamos e expusemos até aqui, e traçando relação com as correntes teóricas da sociologia e educação, desenvolvemos como proposta pedagógica, um processo de revitalização do espaço educativo escolar e não escolar como possibilidade para a reinserção dos que estão à margem e assim a tentativa de promoção de sua reumanização.

Tal proposta pedagógica apoia-se na relação homem/homem e homem/meio apontados por Vygotsky e Piaget e de que forma estas teorias sustentam e se encaixam no que propõe a economia solidária e a pedagogia do engajamento.

O projeto já realizado em algumas instituições educativas localizadas no Distrito Federal do Brasil desde o ano de 2010 e que ainda mantém-se em funcionamento, é o que será demonstrado no capítulo a seguir, onde veremos uma tentativa de demonstrar em que medida tal projeto pode promover a economia solidária e a pedagogia do engajamento como ferramentas de contrarracionalidade, observando a relação homem/homem e homem/meio apontadas na teoria sócio-interacionista.

Capítulo 2 – Revitalização e Projeto Ideia Minha

Esse capítulo pretende mostrar a prática educativa vivenciada no Projeto Ideia Minha como uma pedagogia de engajamento na contrarracionalidade.

O projeto Ideia Minha consiste em propor soluções simples por meio de intervenções sem ou de baixo custo, que viabilizem melhorias ao ambiente educativo escolar e não escolar como possibilidade de valorização do homem como fator fundamental na sociedade de forma que este possa resgatar sua autoestima e ter real noção de valor de seu trabalho.

Segundo MORIN (1921),

“Toda evolução é fruto do desvio bem-sucedido cujo desenvolvimento transforma o sistema onde nasceu: desorganiza o sistema, reorganizando-o. As grandes transformações são morfogêneses, criadoras de formas novas que podem construir verdadeiras metamorfoses. De qualquer maneira não há evolução que não seja desorganizadora/reorganizadora em seu processo de transformação ou de metamorfose.”

Para que uma possível evolução ocorresse no ambiente educativo, este projeto foi criado durante a realização dos estágios de observação e regência do curso de pedagogia da Universidade de Brasília, posto que a estrutura física da escola onde tais estágios foram realizados estava em péssimo estado.

As intervenções realizadas no ambiente educativo podem ser as mais diversas possíveis e devem levar em consideração, na localidade onde serão desenvolvidas, aspectos como os materiais mais facilmente encontrados nas imediações deste ambiente e a disponibilidade dos agentes transformadores do espaço.

O projeto conta ainda com um sítio virtual colaborativo.

O sítio virtual – www.ideiaminha.net – disponibiliza a possibilidade de postagem de ideias de intervenções, quaisquer que sejam elas, no intuito de agregar melhorias e apontar soluções simples ao ambiente educativo.

Para a realização deste, observamos primeiramente as teorias sócio-interacionistas vistas ao longo do curso de pedagogia.

Levamos em consideração o fato de que a relação estabelecida entre pessoas e entre elas e o meio é que poderiam ou não promover seu total desenvolvimento.

Pautados no sócio-interacionismo como base de desenvolvimento cognitivo, observamos como a relação entre as pessoas poderia ser afetada pelo ambiente em que se relacionavam e como estes poderiam interferir ou não nessas relações.

Como o projeto é sempre realizado em ambientes educativos, escolares ou não, começamos a pensar na organização desses espaços para que sejam propícios ao desenvolvimento das atividades que nele se desenvolvem.

Uma das primeiras coisas que pode ser percebida era a de que em muitas ocasiões a forma como os espaços eram organizados acabavam por reforçar estigmas que os utilizadores desses espaços carregavam, conscientemente ou não. Quando os alunos das escolas públicas onde desenvolveu o projeto eram questionados sobre os motivos pelos quais a escola em que estudavam tinham suas instalações naquelas condições, obtinha-se como resposta, em geral, a de que aquela escola era destinada a população pobre ou de baixa renda, reforçando nos estudantes o estigma de que o pobre deve se contentar com o que é ruim. Esse é um exemplo claro do que a racionalidade do sistema capitalista concretiza no nosso cotidiano.

Ao refletir sobre isso e confrontar nossas percepções com as propostas encontradas na pedagogia do engajamento e nos fundamentos da economia solidária elaboramos um o projeto ideia minha como tentativa de torna-lo ferramenta de contrarracionalidade, o que pode ser visto a seguir.

2.1– Estágio no Centro de Ensino Fundamental 1 do Planalto.

A chegada a esta escola ocorreu em virtude de sua proximidade com a Universidade de Brasília e por termos excelentes referências sobre a atuação pedagógica dos professores que atuavam na educação infantil.

Com a realização dos estágios de observação e regência na CEF 1 do Planalto pudemos observar a deficiência da estrutura física da mesma, principalmente levando-se em consideração os parâmetros estabelecidos pelo MEC para uma sala de educação infantil.

Demos início a pequenas transformações na sala de aula, a pedido da professora regente, para que estas facilitassem o trabalho da mesma e o desempenho das crianças.

As intervenções levadas à referida escola foram inicialmente relacionadas ao mobiliário da sala de aula. Nela havia uma mesa grande, utilizada pela professora para colocar materiais que são utilizados com frequência durante as aulas, outra mesa, um pouco menor, que é a mesa da professora, um armário onde os brinquedos pedagógicos eram guardados, uma estante média, designada aos materiais escolares, dois arquivos e um armário de aço, além das mesas e cadeiras para as crianças. Além disso, havia também algumas carteiras utilizadas como suporte durante a hora do lanche.

Todo o mobiliário era inadequado ao que propõe o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, ou mesmo as mesas e cadeiras das crianças, que eram a princípio apropriados, já estavam em estado de péssima conservação.

Não havia, exceto o material produzido pelas crianças, que faziam parte da proposta pedagógica da professora, nenhuma cor na sala de aula que possibilitasse a ambientação das crianças num universo divertido e acolhedor. Com a restauração de alguns móveis e a criação de alguns outros, a sala foi aos poucos se tornando em um ambiente com aspecto próprio de uma sala de aula de educação infantil.

A primeira intervenção realizada na escola foi a restauração da mesa da professora, onde recuperamos a parte superior de apoio, que estava mofada, rabiscada, além de conter riscos de estilete.

O resultado foi excelente. As professoras da escola queriam saber qual a técnica que havíamos utilizado para tal restauração.

Demos prosseguimento, fazendo a recuperação de duas mesinhas infantis, que estavam jogadas num depósito da escola, para serem descartadas. As mesinhas são de madeira e estavam bastante deterioradas. Utilizando a mistura de tinta guache com cola branca, foi possível restaurá-las por completo, deixando-as literalmente novas. As cores utilizadas para pintá-las foram: laranja, amarelo e vermelho, que acabaram chamando a atenção de quem entrasse na sala.

Observando que as cores começavam a dar vida e tornar o ambiente alegre, pensamos na possibilidade de pintar as paredes. Não possuindo tinta suficiente ou própria para a pintura de paredes e verificando que elas possuíam diversas colunas, ocorreu-nos a ideia de pintar apenas as colunas, utilizando o material que possuíamos e a técnica que já havíamos utilizado nas mesinhas infantis. Cada coluna foi pintada de uma cor diferente.

O resultado foi bastante satisfatório e deixou a sensação de que a sala era maior do que antes. Agora a sala passava a ter seu primeiro ambiente construído, o ambiente de alegria, que sugere o ambiente da diversão.

Continuando com as intercessões, passamos para a redistribuição do mobiliário de forma que este ficasse organizado para facilitar o cotidiano das crianças. Ao fazermos essa modificação, convidamos as crianças a participarem com a restauração do armário onde eram guardados os brinquedos.

No que se refere à busca de agregar valores humanos e o exercício da cidadania, propostos pela economia solidária, este foi o nosso maior passo no que diz respeito às conquistas de resultados. A importância da participação no contexto do mundo escolar ficou evidente para os pequenos, o que deixa claro o desenvolvimento da relação aluno-escola e a interferência do meio sobre a formação do sujeito. Noções de participação, cidadania e preservação, começaram a ser exercitadas pelos alunos.

As técnicas de recorte-colagem e pintura com mistura de tinta guache e cola foram levadas a todo o mobiliário da sala.

A proposta foi amplamente aceita e adotada por toda a comunidade escolar. Direção, professores, profissionais da limpeza e outros passaram a valorizar o trabalho desenvolvido. Para nossa surpresa, as colunas que fazem parte da parede do corredor da ala de educação infantil foram pintadas pelas professoras do período oposto ao da realização de nosso estágio.

Sabendo da necessidade de se criar ambientes práticos e utilitários para as crianças, como os sugeridos no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, idealizamos a criação de alguns móveis, recorrendo à utilização de materiais que pudessem ser reaproveitados e úteis para a sua confecção. A sala de aula não possuía armários para que as crianças pudessem guardar seus materiais escolares, mochilas ou calçados. A partir de caixas de madeiras que originalmente eram utilizadas para transporte de frutas e verduras, utilizamos a técnica de tinta guache e cola branca, tornando possível a criação de mini armários. Uma ideia simples e criativa pôde modificar o ambiente físico e lhe dar uma aparência mais funcional e cuidada.

Não ficando apenas direcionado à sala de aula, o Projeto Ideia Minha expandiu-se para a área recreativa da escola: o parquinho de areia. Ao observar a área recreativa da educação infantil, percebemos que muito da areia havia sido levada para fora de suas delimitações, ficando então depositada sobre um gramado e uma calçada ao seu redor. Fizemos então a remoção da areia que estava no local inapropriado, transferindo-a novamente para o seu devido local. Observou-se então, a necessidade de delimitar a área do parquinho, de forma que as crianças não levassem mais a areia para cima do gramado. Buscamos, então, o auxílio da comunidade no intuito de doar pneus para que pudéssemos fazer essa delimitação. Fomos muito bem recebidos por todos os borracheiros das borracharias que visitamos. Foi então realizado um trabalho de fixação dos pneus na frente do parquinho, deixando apenas duas entradas para as crianças. Os pneus fixados passaram a ser utilizados também como brinquedos e fonte de diversão.

Buscamos, ao máximo, agregar a comunidade no intuito de levar melhorias a escola e, assim, conseguimos doação de tinta guache, revistas, pneus, caixotes de madeira e também, um circuito de psicomotricidade, com amarelinhas e outros, adesivados no chão do corredor da ala de educação infantil.

Algumas propostas darão continuidade ao que propõe este projeto. Conseguimos um pomar para a escola, que será plantado pelas crianças, juntamente com reaplicação da faixa de grama que morreu com a quantidade de areia que estava sobre ela.

Existem ainda, diversas outras propostas, tais como: a) a recuperação da fachada da escola por meio da contribuição de trabalhos artísticos produzidos por outra escola pública de ensino fundamental do Distrito Federal, cuja intenção é a criação de um imenso painel. b) a pintura do muro que delimita uma das partes do parquinho de areia onde as crianças farão desenhos com tinta guache que serão posteriormente impermeabilizados para que tenham boa durabilidade.

Todas as ideias desenvolvidas estão disponíveis a qualquer pessoa que tenha interesse em colocá-las em prática. A proposta do Projeto Ideia Minha, por meio do sítio virtual www.ideiaminha.net, é de criar um banco de ideias para serem copiadas e compartilhadas com pessoas que tenham vontade de participar ativamente da vida escolar, e que vejam a importância de exercitarem sua cidadania. Pensando no que propõe a economia solidária, a intenção do site é proporcionar ferramentas que deem suporte à autogestão e a uma possível luta contra as desigualdades sociais.

Estamos realizando, ainda, a produção de um documentário que registra todas as intervenções propostas pelo Projeto Ideia Minha, no qual mostramos como a comunidade atendeu prontamente ao chamado da escola e como este levou muitas pessoas à compreensão de sua função social.



Mesa antes da reforma demonstra o mau estado de conservação do mobiliário da sala de educação infantil.





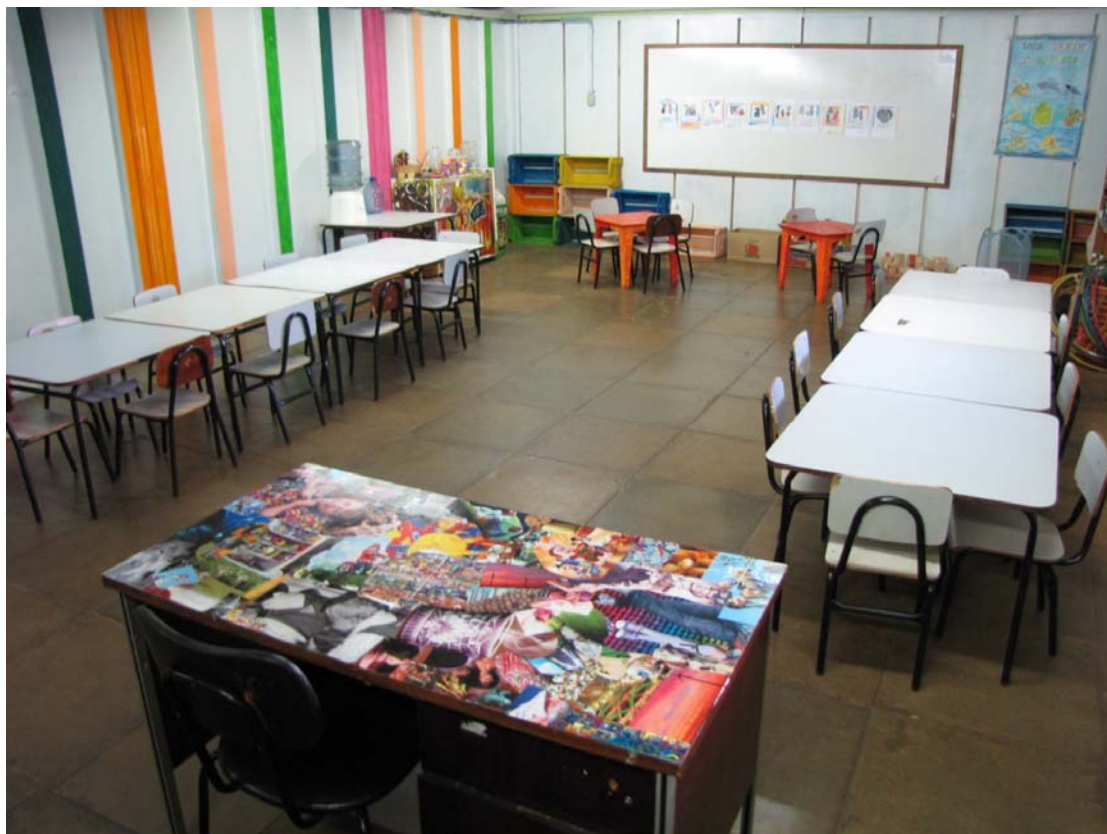
Mesas após a reforma por meio de técnicas de recorte e colagem trazem colorido à sala.



Estante revitalizada com recorte de revistas infantis.



Detalhes da sala de aula com armário pintado pelos alunos da educação infantil e caixas de madeira que foram transformadas em estantes.



Na foto superior, detalhe da estante de caixas. Abaixo, 42 sala de aula após toda a reforma.

2.2 – Centro de Ensino fundamental 16 de Taguatinga – Rápida e significativa mudança.

No ano de 2011 lecionei no Centro de Ensino Fundamental 16 de Taguatinga como professor de artes.

A clientela desta escola era de estudantes, em sua maioria, oriundos de famílias de baixo poder financeiro e em situação de vulnerabilidade.

Na rotina escolar estavam sempre presentes relatos como: pai presos, irmãos traficantes, viciados em entorpecentes etc. Para que tenhamos uma dimensão mais precisa do cotidiano e da região onde a escola está inserida, relato, por exemplo, a morte de um estudante por ter engolido uma pedra de crack.

O reflexo dessa rotina podia ser observado na falta de limpeza e nas paredes, que, embora esforços da direção, eram pichadas.

Na sala em que eram ministradas as aulas de artes, a realidade não era diferente. Embora estivesse pintada e em boas condições, havia muitos nomes e assinaturas em grafite, realizadas pelos estudantes.

No intuito de trazer a possibilidade de refletir sobre a necessária preservação do patrimônio público, desconstruindo a ideia pré-concebida pelos alunos de que o bem público é um bem de ninguém, entrei com a proposta de desenvolver o Projeto ideia Minha na escola.

Como não havia a possibilidade de realização do projeto em tempo integral, visto que deferia ministrar o conteúdo obrigatório de artes do currículo escolar, optei por realizar a pintura da parede do fundo da sala de artes.

A proposta foi simples e bem recebida pela direção da escola e o que é de maior relevância no que diz respeito ao processo pedagógico, pelos estudantes.

Fizemos a seleção de seis cores diferentes de tinta guache e as misturamos com cola branca. Como a parede era de tijolinhos aparentes, intercalamos as seis cores em sequencia, de modo que não se repetissem nem no tijolo lateral, no superior e nem mesmo no inferior.

Utilizando bancadas da própria sala de aula para alcançar a parte alta da parede, iniciamos a pintura. Todos os estudantes do turno vespertino, utilizando pinceis, contribuíram com a pintura da parede que foi concluída em poucos dias.

Para que a sala de aula não ficasse visualmente poluída, optamos por não pintar as outras paredes da sala, e optando apenas por contorná-las com uma faixa horizontal em três fileiras de tijolos pintados com as mesmas sequencias de cores da parede do fundo.

O resultado teve a aprovação total dos estudantes e do corpo de funcionários da escola.

Durante todo o ano a parede ficou sem nenhuma pichação sequer, o que é uma clara demonstração do sucesso do processo ocorrido no CEF 16 de Taguatinga. Esse resultado reforça a afirmação de que o envolvimento dos estudantes no processo de revitalização da estrutura física escolar, onde estes se veem como agentes transformadores é fator relevante para viabilizar o desenvolvimento do Projeto Ideia Minha, contribuindo com aspectos pedagógicos que vão além dos limites da revitalização propriamente ditas.



Alunos do CEF 16 empolgados com a possibilidade de pintar a parede da sala. Pichações recorrentes substituídas pela arte e cidadania.











Parede pronta e turma unida na transformação. Valorização da autoestima e 49 possibilidade de reumanização dos jovens em situação de vulnerabilidade.

2.3 – Projeto Ideia Minha no espaço educativo não escolar. ONG – Associação Atlética de Santa Maria.

A Associação Atlética de Santa Maria – AASM foi fundada em dezembro de 1998, pela líder comunitária Amparo, na região administrativa de Santa Maria, do Distrito Federal. Efetivamente começou suas atividades em 1995, com o intuito de tirar crianças e adolescentes das ruas e tentar evitar possíveis contatos das mesmas com o mundo das drogas e com a violência.

Inicialmente a proposta era a de desenvolver atividades direcionadas a estes jovens, como por exemplo: esportes, atividades culturais, de lazer e ainda alguns cursos profissionalizantes.

Após ter visto os filhos de suas vizinhas serem assassinados na porta de casa, a líder comunitária Amparo resolveu fazer algo para que outros jovens não tivessem o mesmo destino.

Iniciou algumas atividades com os jovens vizinhos em sua própria casa. Em pouco tempo a quantidade de crianças cresceu e a busca por parceiros que a ajudassem a seguir com o projeto fez com que a mesma alugasse uma casa, que em pouco tempo também ficou pequena para a quantidade de atividades que estava desenvolvendo.

Além do número crescente de jovens que procuravam a instituição, a falta de recursos financeiros era sempre constante e fez com que a comunidade buscasse a alternativa de desocupar a sede de um posto de saúde que estava desabilitado.

A pressão da comunidade surtiu efeito e a AASM foi então de fato fundada.

Hoje atende aproximadamente 650 crianças e adolescentes e conta com as seguintes atividades: escolinha de futebol, caratê, capoeira, dança hip-hop, aulas de informática e oficinas artísticas, como as de brinquedos feitos de materiais recicláveis. Além disso, oferece cursos de alfabetização para jovens e adultos e conta com o programa de inclusão digital. Dispõe ainda de cursos profissionalizantes de manicure, cabeleireiro, bordados e reciclagem para adultos e forma grupos de estudo sobre como gerar de renda.

Para que a associação chegasse ao que desenvolve hoje, contou com a participação de diversos parceiros, e entre eles o projeto de economia solidária da Universidade de Brasília.

Deste modo o Projeto Ideia Minha chegou até a AASM para que ajudasse com a reestruturação de um ambiente educativo não escolar.

Enquanto realizávamos a revitalização da sala de aula da CEF 01 do Planalto, as turmas de projeto 3 e 4 realizavam vários trabalhos relacionados ao funcionamento das atividades da ONG. No decorrer do trabalho lá desenvolvido, verificou-se que a estrutura do local limitava o desenvolvimento de algumas atividades oferecidas pela associação. Então o Projeto Ideia Minha foi convidado a participar na ONG para que contribuísse com o processo, revitalizando o espaço a fim de viabilizar o espaço educativo que possibilitasse o ensino/aprendizagem.

Iniciamos a reestruturação fazendo uma visita de observação pela associação. Tomamos nota de tudo o que verificávamos de problemas estruturais que prejudicassem o cotidiano da ONG. Posteriormente colocamos as informações levantadas para toda a turma dos projetos 3 e 4 para que pudéssemos discutir as possíveis soluções. Juntamente com os problemas levantados foram colocadas algumas sugestões sobre problemas que eram bastante nítidos.

Entre os problemas mais evidentes estavam os de falta de higiene em todo o edifício, acúmulo de material por vários pontos da associação, mais de 60 vidros de portas e janelas quebrados, pintura das paredes descascando, uma biblioteca improvisada no hall de entrada, portas sem identificação, falta de local apropriado para fixar cartazes e banners, um painel com os parceiros da ONG muito improvisado feito de isopor, papel A4 e caneta esferográfica, quadro negro sem moldura e sem apoio para apagador e giz, torneiras pingando, falta de acentos de vasos sanitários, fiação elétrica com defeito etc.

Após verificarmos tantas coisas a serem revitalizadas, chegamos a conclusão de que deveríamos todos abraçar a causa da reestruturação, e com total e corajoso consentimento da Amparo, demos início ao trabalho braçal.

Como bom começo, desmontamos a biblioteca que estava improvisada no hall de entrada, encaixotando os livros e levando-os para depósito provisório e apropriado.

Pensamos para o hall de entrada, a pintura do teto e das paredes, a retirada de todos os informativos improvisados das paredes e também do painel onde estavam fixados os nomes de todos os parceiros da ONG.

Em substituição criamos um painel completamente feito de madeira, utilizando caixas que são usadas originalmente para transportar frutas. Realizamos uma gincana com as crianças que frequentam a instituição para que pudéssemos conseguir material suficiente para a confecção do painel.

As caixas de madeira foram desmontadas e todas as ripas de madeiras foram separadas por tamanhos.

Pintamos uma a uma com óleo de carro queimado, adquiridos nos postos de gasolina das proximidades da ONG gratuitamente, para que ficassem com aspecto de madeira envelhecida.

Posteriormente fixamos em uma tábua grande que foi retirada da divisória do hall de entrada, onde havia a biblioteca improvisada, ripa a ripa, de forma intercalada. Após cobrir toda a tábua, a fixamos na parede e sobre ela outras ripas, desta com o tom natural da madeira clara, com os nomes de todos os parceiros da ONG.

A diferença da entrada da associação jê estava nítida e empolgou o grupo, dando fôlego para que pudéssemos prosseguir.

Com as ripas de madeiras das caixas também foram feitos, a moldura do quadro negro e seu suporte para apagador e giz, além das placas de identificação das portas, como de banheiro, brinquedoteca etc.

Na brinquedoteca foram estantes foram criadas com caixas de madeira, como as que foram produzidas na CEF 01 do Planalto.

As portas foram pintadas com mistura de tinta guache e cola branca. As tintas foram conseguidas por doações de papelarias e contamos com a sorte quando ganhamos muitas caixas de tinta guache que estavam vencidas e que para nós serviam e puderam ser usadas tranquilamente sem qualquer prejuízo na qualidade da pintura.

A técnica de envelhecimento da madeira utilizando óleo queimado de carro também foi utilizada na restauração de móveis que estavam desmontados aguardando conserto, como por exemplo, uma grande mesa que hoje é utilizada nas aulas de corte costura.

Criamos ainda painéis para que pudessem afixar os avisos que anteriormente eram colocados nas paredes e em qualquer lugar.

A parede da sala de aula da educação de jovens e adultos foi pintada e ganhou figuras estilizadas criadas pelo professor de pintura em pano de prato. A parede onde fica o

balcão utilizado para servir comida às pessoas também ganhou cara nova. Foi feito um mural com várias frutas e legumes desenhados.

As dificuldades encontradas ao longo dessa revitalização foram muitas. Muitos alunos não se identificaram com o projeto e o abandonaram. Isso fez com que tivéssemos que diminuir o ritmo do trabalho e nos impossibilitou de concluirmos ainda naquele semestre tudo o que tínhamos proposto.

No que diz respeito aos resultados obtidos com as primeiras transformações realizadas na AASM, pudemos observar que a comunidade passou a perceber que alguma coisa diferente estava acontecendo ali e naquele semestre, o número de pessoas que frequentaram a ONG aumentou.

Notamos ainda que a administração de Santa Maria ficou um pouco incomodada com nossa presença e trabalho, o que fez com que a mesma mandasse pintar toda a parte externa do edifício da associação e que trocassem também todos os vidros quebrados.

É importante ressaltar que a ajuda da comunidade foi de substancial importância para a realização das ações.

Ganhamos ferramentas e materiais de limpeza, reparo e construção de pequenos comerciantes locais.

Em todos os nossos encontros fizemos refeições, cafés da manhã ou almoços, com o auxílio da comunidade.

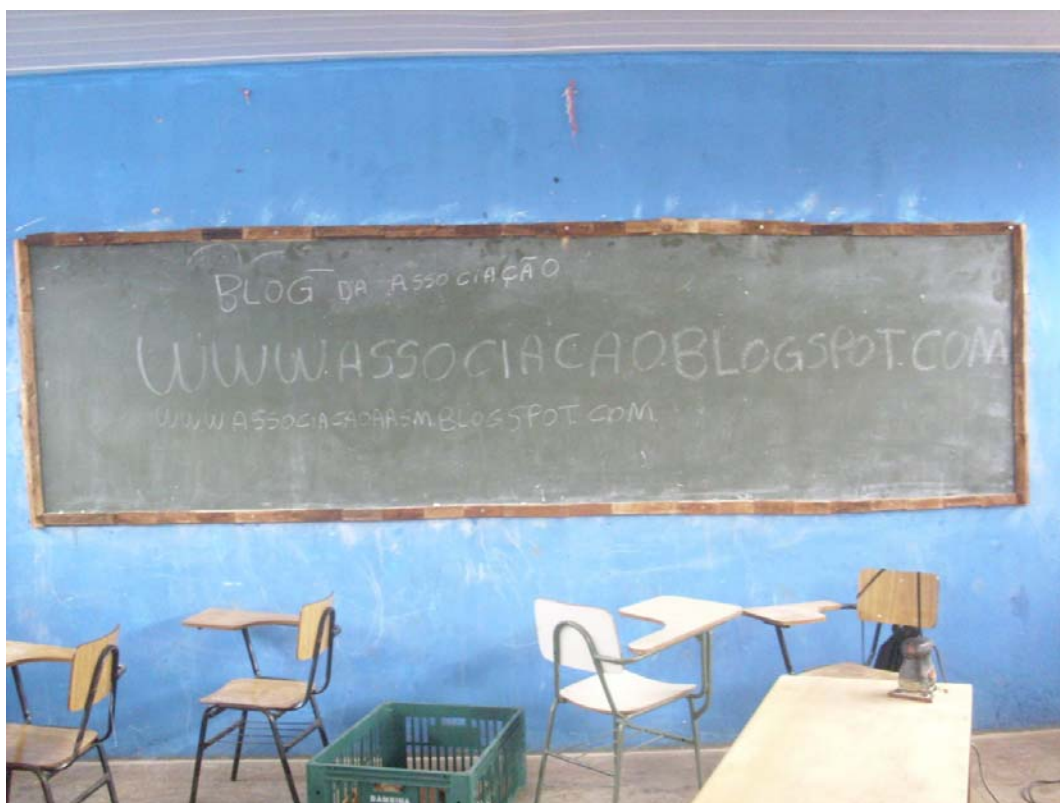
O trabalho na Associação Atlética de Santa Maria ainda está em andamento e nosso foco agora é na criação de uma estética que favoreça sua cozinha.



Revitalização do quadro negro da sala de aula da EJA - Educação de Jovens e Adultos e corte e costura. A proposta aqui foi a de construção de uma moldura ao redor do quadro com suporte para apagador e giz. O material utilizado foi caixas de madeira, óleo queimado de carro e pregos.



Todo o material para confecção da moldura do quadro e do painel de entrada da AASM foi madeira retirada de caixas usadas para transporte de frutas. Para que tivéssemos acesso a tanto material foi realizada uma gincana com as crianças da comunidade onde se localiza a associação.

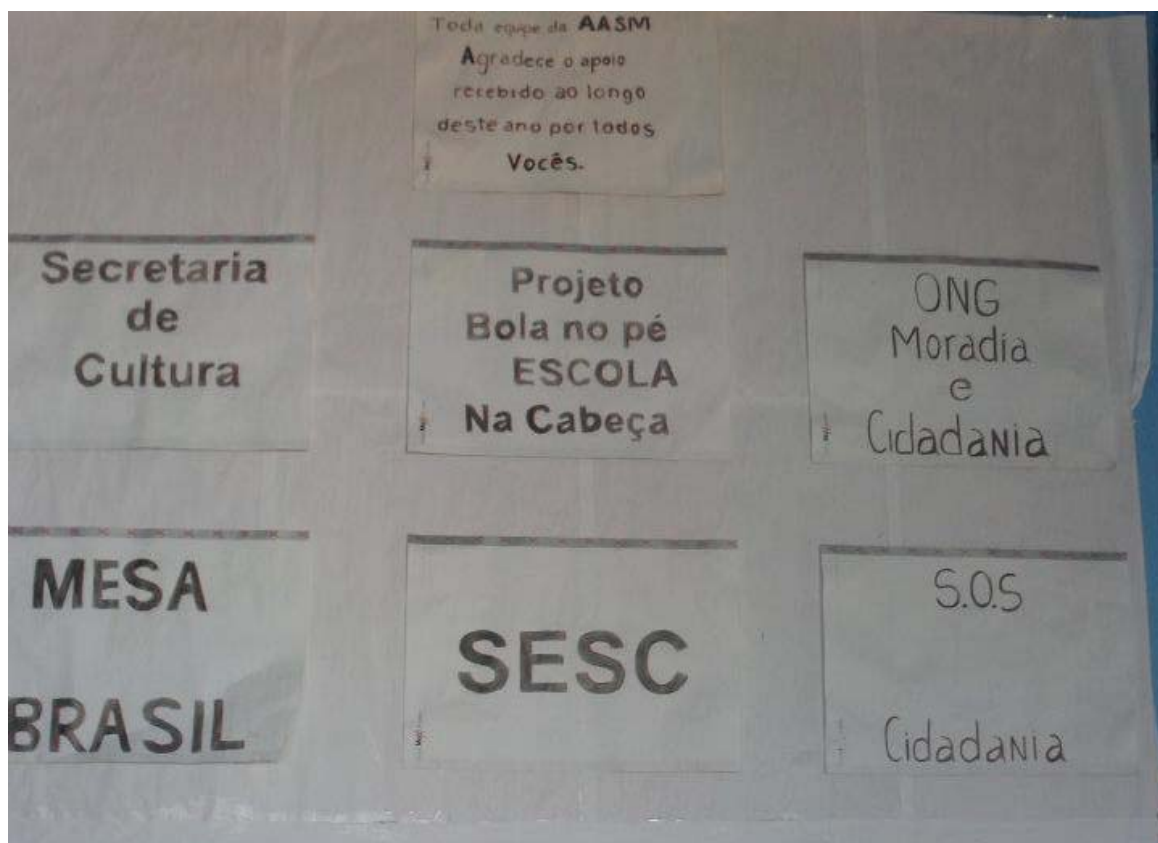




Criação do Painel de entrada da Associação Atlética de Santa Maria onde constam os nomes de seus parceiros. Material utilizado foi o mesmo da moldura do quadro, além de pirógrafo para escrita na madeira.







Painel da recepção: Antes e depois.



Reforma do mobiliário. Estantes para uma nova biblioteca.



Sala de aula pronta e alunos da escolinha de futebol da AASM.

Capítulo 3 – Projeto Ideia Minha – Uma possibilidade viável.

Após os relatos observados no capítulo anterior e tendo como fundamentação teórica o que foi estabelecido no capítulo 1 deste trabalho, acreditamos no Projeto Ideia Minha como uma possibilidade de reumanização do homem por meio da economia solidária e pela pedagogia do engajamento.

Acreditamos que participar da revitalização do espaço que utilizamos para a realização do processo ensino/aprendizagem, tornando-o apropriado a isso, faz com que os agentes transformadores desses espaços se vejam como parte da sociedade em que estão inseridos e que se apercebam como peça fundamental e de extrema relevância para o cotidiano da mesma. Dessa maneira percebemos que as ideias levantadas pela pedagogia do engajamento de reumanização do homem por meio de dar um sentido ao que este realiza como transformação social e pessoal, e ainda os ideais da economia solidária de tentativa de reinserção social por meio da valorização do homem e não do capital, atingiram seus objetivos. Revitalizar o meio em que utilizam para o processo de ensino aprendizagem permitiu ainda potencializar o que estabelece as teorias sócio-interacionistas, visto que o próprio meio estava sendo revisto e revitalizado e a interação pessoal era constante.

Para que essa experiência pudesse ser compartilhada e difundida, pensamos em recorrer a mais moderna forma de comunicação do momento, a internet.

Para isso criamos um sítio virtual de postagens de ideias e experiências na área educacional para que todos os que tenham interesse possam copiá-las e ou divulgá-las. Esse sítio serve como banco de ideias que são apresentadas em vídeos e fotos que mostram como foram pensadas algumas propostas de melhoria para o ambiente educativo.

O sítio virtual www.ideiaminha.net permite que qualquer pessoa que tenha acesso à internet possa se apropriar das ideias lá colocadas a fim de colocá-las em prática em algum ambiente educativo escolar e não escolar.

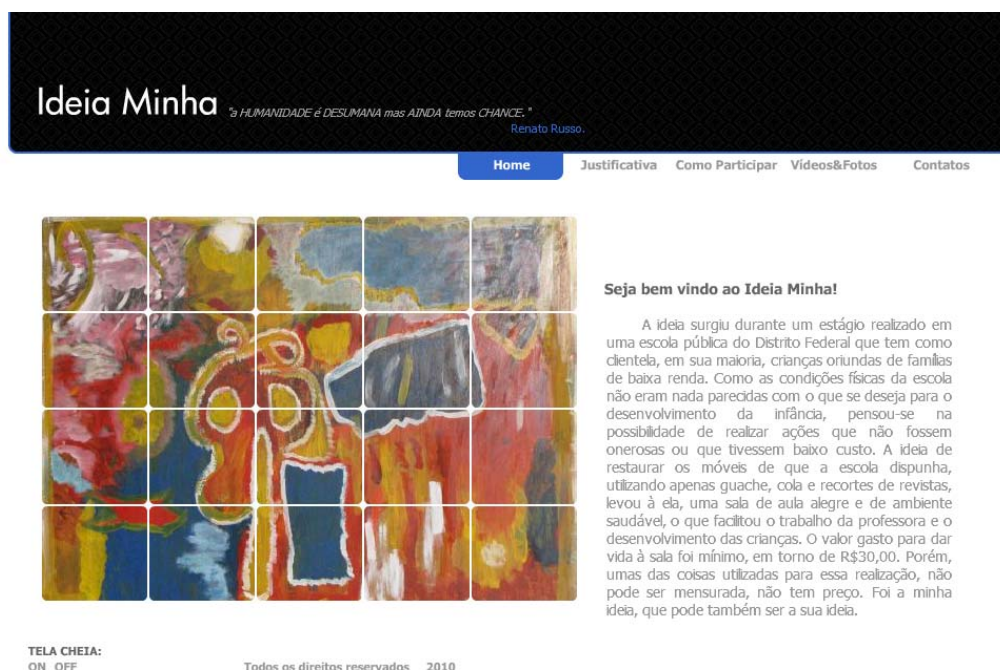
O sítio virtual traz ainda a possibilidade de que as pessoas possam realizar ideias que não estão lá e mandar para o site para que ela possa ser colocada à disposição dos internautas.

Basta que seja feito o registro fotográfico e ou videográfico de alguma proposta sem ou de baixo custo financeiro, e enviá-la ao site. Fazemos então a edição do vídeo e os postamos no site, com as devidas referências dos autores da ideia.

A página virtual conta com uma tela principal onde o internauta é bem recebido e informado sobre o Projeto Ideia Minha. Há também uma aba onde as justificativas estão dispostas a fim de que o visitante compreenda melhor a utilidade do mesmo.

Existe também outra aba onde o visitante tem a possibilidade de ver como pode participar do projeto, com um pequeno vídeo demonstrativo de uma das ideias colocadas em prática pelos idealizadores do mesmo.

No site virtual há ainda as abas de fotos e vídeos, onde o internauta tem acesso às ideias e outra com nossos contatos.



Sítio virtual www.ideiaminha.net. Ferramenta de contrarracionalidade.

Tornar viável este projeto por meio do site, permite que coloquemos uma ferramenta de contrarracionalidade ao acesso de milhares de pessoas que se encontram em ambientes educativos deficitários, sempre a espera de que nossos governantes façam algo.

Por meio da experiência que vivemos, guiados pelo Projeto Ideia Minha, vimos a infinidade de possibilidades que o mesmo pode viabilizar.

De acordo com MORIN (1921),

“Se é verdade que o gênero humano, cuja a dialógica cérebro/mente não está encerrada, possui em si mesmo recursos criativos e inesgotáveis, pode-se então vislumbrar para o terceiro milênio a possibilidade de nova criação cujo germes e embriões foram trazidos pelo século XX: a cidadania terrestre. E a educação que é ao mesmo tempo transmissão do antigo e abertura da mente para receber o novo, encontra-se no cerne dessa nova missão.”

Durante sua realização notamos que é possível abordar diversos assuntos, como por exemplo, o processo colaborativo, evidenciado em todas as etapas de desenvolvimento do mesmo, visto o trabalho é feito em equipe e para a equipe; O sentido do trabalho como ferramenta que faz com que o homem se insira como peça fundamental na sociedade; A responsabilidade ambiental, visto que utilizamos muito material descartado na natureza como matéria prima para nossa transformação; O respeito ao patrimônio público brasileiro que em muitos casos é preconcebido como bem de ninguém etc., tudo amparado pelos princípios da economia solidária e pela pedagogia do engajamento.

TERCEIRA PARTE

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência educativa com o Projeto Ideia Minha nos mostrou a importância da revitalização da estrutura física do ambiente educativo escolar e não escolar como dispositivo importante para qualificar o homem com seu meio.

Observamos que a estrutura física do ambiente educativo interfere nos resultados e no desenvolvimento da relação ensino-aprendizagem e na possibilidade de uma pedagogia do engajamento.

Ver a trajetória da mudança do ambiente educativo, da escola da Vila Planalto, passando pela escola de Taguatinga e ainda observando a contribuição do projeto para a transformação da associação de Santa Maria nos faz pensar que é possível estimular o ensino e aprendizagem por meio da revitalização do espaço físico.

Desenvolver um projeto onde muitas pessoas estão inseridas não é nada fácil. No entanto, após essa longa jornada, podemos afirmar que é realmente gratificante.

Observar o quanto as pessoas são ávidas por colocar-se como peça importante no mundo é bastante interessante. Durante o processo notamos que todas possuem uma necessidade de expressão e que havendo possibilidades e ferramentas para que isso ocorra, todos o farão e deixarão sua marca impressa no mundo em que vivem.

A valorização do meio e do outro concretiza-se à medida em que estes veem-se valorizados e vice-versa. No processo educativo comunitário, em grupo, sócio-interacionista por essência, percebe-se o desenvolvimento ímpar de cada ser humano que participa do mesmo. Essa vivência abre novos horizontes e cria novas perspectivas.

As ações do Projeto Ideia Minha vem nos demonstrando que todos que participam dele, cada um em sua medida, podem perceber um pouco mais as maneiras como a racionalidade capitalista os coloca frente ao mundo e de que maneira podem com suas próprias ferramentas lançar uma tentativa de mudança, de reorganiza-se frente ao que está posto e imposto.

Aplicar, por intermédio do projeto aqui descrito, os conceitos da economia solidária e da pedagogia do engajamento, foi muito mais do meramente coloca-los em prática, mas

sim levar ao ambiente educativo, seja ele escolar ou não, a possibilidade de divulgá-los e refletir acerca dos mesmos, afim de que novos passos sejam dados e de que o local idealizado para que ocorra o ensino/aprendizagem esteja sempre atento ao reinventar-se, questionando-se sobre si mesmo e sobre novas possibilidades.

PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

Ao pensar sobre minhas perspectivas profissionais, logo fui remetido a um trecho do livro de Lewis Carroll, Alice no País das Maravilhas, que diz o seguinte:

- Podes dizer-me, por favor, que caminho devo seguir para sair daqui? Disse Alice.
- Isso depende muito de para onde queres ir - respondeu o gato.
- Preocupa-me pouco aonde ir - disse Alice.
- Nesse caso, pouco importa o caminho que sigas - replicou o gato.

A preocupação com a resposta para “Qual caminho devo seguir?” é o que me move todos os dias ao entrar em uma sala de aula.

Pensar que muitos alunos não tem a menor noção do caminho que querem seguir e que não enxergam o sentido da existência de uma escola me deixa atordoado.

Ainda que não haja um só caminho, e devemos ser gratos por esse fato, devemos ter certeza do que escolhemos percorrer, posto que nossas convicções nos levarão onde chegaremos.

A tentativa de resposta a esse questionamento deve sempre partir de cada um, e será o mapa que o guiará, mesmo que encontremos novos caminhos no meio do caminho.

Dessa forma, minha perspectiva para o futuro é dar continuidade ao trabalho que exerço como professor, sempre pautado na tentativa de suscitar nos estudantes uma perspectiva para suas próprias vidas, a fim de que os mesmos potencializem todas as suas possibilidades e estejam atentos às oportunidades que a vida sempre nos traz e sejam capazes de observar seu crescimento e mudança. Isso é necessário para constituírem-se como seres humanos. Como diz Lewis Carroll pela voz de Alice: - Quando acordei hoje de manhã, eu sabia quem eu era, mas acho que já mudei muitas vezes desde então.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Parâmetros Básicos de Infraestrutura para Instituições de Educação Infantil. Brasília: 2009.

_____. Ministério da Educação. Critérios para um atendimento em creches que respeitem os direitos fundamentais da criança. Brasília: 2009.

_____. Ministério da Educação. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Volumes I e II. Brasília: 2009.

_____. Ministério da Educação. Parâmetros Curriculares Nacionais, Artes, 2009.

CARRARA, Kester (organizador). Introdução à psicologia da Educação- Seis Abordagens.

CAVALCANTE, Lana. Cotidiano, mediação pedagógica e formação de conceitos, 2000.

Avercamp Editora, 2004.

DOMINGUES, Marco Paulo Tavares Sousa. **Economia Solidária: a economia real do desenvolvimento sustentável**. Disponível em < <http://www.inscoop.pt> >. Artigo Científico. Acesso em 22 de outubro de 2011.

FREIRE, Madalena. Dois Olhares ao Espaço Ação na Pré-escola. Editora

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**. Editora Paz e Terra, 2005.

_____. Medo e ousadia – o cotidiano do professor, Editora Paz e Terra, 2001. 9ª edição.

_____. Pedagogia da autonomia. Editora Paz e Terra, 2010.

_____. Pedagogia do Oprimido, Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 2005.

_____. Pedagogia como prática da liberdade. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra. 1980.

GAIGER, Luiz Inácio. Sentidos e Experiências da Economia Solidária no Brasil. Editora da UFRGS: 2004.

LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e Gestão da Escola** . Editora Alternativa: 2001.

LIMA, Mayumi Watanabe Souza. **A Construção do Espaço para a Educação**. Tese de Mestrado: 2009.

MARTINS, Marcos Francisco. Pedagogia do engajamento.

MEDEIROS, Alzira (organizadora). Políticas públicas de economia solidária: por um outro

desenvolvimento. Editora UFPE, 2006.

MORAES, Regis de; Noronha, Olinda Maria; Groppo, Luís Antônio. Sociedade e Educação – Estudos Sociológicos e Interdisciplinares. Alínea Editora. 2008.

MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários à educação do futuro. Cortez Editora, 1921, 12ª edição.

PISTRAK, Moisey, Fundamentos da Escola do Trabalho. São Paulo, Brasiliense, 1981.

RUSSELL, Bertrand. Educação e Ordem social, Zahar editores, 1978.

SANTOS, Milton. 1999.

SINGER, Paul. **Economia Solidária no Brasil**. Editora Fundação Perseu Abramo: 2004.

_____. **Introdução à Economia Solidária**. Editora Fundação Perseu Abramo: 2007.

I Congresso Nacional de Economia Solidária. Documentos. MTE/SENAES, 2005.

ANEXOS

Perguntas de um Operário Letrado

Quem construiu Tebas, a das sete portas?
Nos livros vem o nome dos reis,
Mas foram os reis que transportaram as pedras?

Babilônia, tantas vezes destruída,
Quem outras tantas a reconstruiu? Em que casas
Da Lima Dourada moravam seus obreiros?

No dia em que ficou pronta a Muralha da China para onde
Foram os seus pedreiros?

A grande Roma
Está cheia de arcos de triunfo. Quem os ergueu? Sobre quem
Triunfaram os Césares?

A tão cantada Bizâncio só tinha palácios.
Para os seus habitantes?

Até a legendária Atlântida
Na noite em que o mar a engoliu
Viu afogados gritar por seus escravos.

O jovem Alexandre conquistou as Índias
Sozinho?

César venceu os gauleses.
Nem sequer tinha um cozinheiro ao seu serviço?

Quando a sua armada se afundou Filipe de Espanha
Chorou. E ninguém mais?

Frederico II ganhou a guerra dos sete anos
Quem mais a ganhou?

Em cada página uma vitória.
Quem cozinhava os festins?

Em cada década um grande homem.
Quem pagava as despesas?

Tantas histórias
Quantas perguntas.

Bertold Brecht.

Texto retirado do sitio virtual

<http://bloguedospoetas.blogspot.com.br/2011/01/bertold-brecht-perguntas-de-um-operario.html> acessado em 25 de maio de 2012.